

VILÉM FLUSSER

I.

Quero agir para dar sentido. E para dar valôr. E para modificar o mundo. E para alterar me. Por quê? Porque não vejo sentido, não vejo valôr, não vejo o mundo, não gosto de mim mesmo. Sem dúvida, isto é um fato. Mas não é a única causa da minha vontade de atividade. Nem a mais profunda. Não sou apenas subversivo e corrupto, (embora o seja também). Quero agir, (também), porque não posso deixar de querê-lo. A vontade de agir sou eu. E essa vontade minha, (que sou), não é inteiramente vaga. Quero agir em determinado sentido, (embora em um sentido mal determinado). Quero dar uma espécie de nada de valôr, (embora uma espécie muito mal determinada). Sei como quero o mundo ser, (embora o saiba muito confusamente). Sei também como quero ser, (embora este meu saber, muito confuso, já e desde já seja eu). Portanto: de certa maneira, muito problemática, vejo sentido, vejo valôr, e, se não gosto do mundo e de mim mesmo, é que desconho como deveria ser mundo e eu. E isto também é um fato. Os dois fatos estão em conflito. Negar um é uma maneira de afirmar o outro. Negar ambos é uma inverdade. Como o é também afirmar ambos será este um dos aspectos da dialética que sou, e a qual encontro sempre que me encontre comigo mesmo? Se fôr dialética isto que encontro, não é dialética muito hegeliana. Haverá negação de negação nesse conflito, e haverá posição resultante? Será o conflito que encontro "processo"? Em suma: será "lógico" o conflito? Ou não será, pelo contrário, um conflito ilógico, e inacessível à análise lógica, (pôr mais amplo que seja o significado de "lógico"); e não será justamente a illogicidade do conflito que sou a fonte da minha perplexidade? Porque quando me procuro para identificar-me, (quando me em mim mesmo), fico perplexo. E isto é um fato também, (se quiserem, o terceiro fato).

O ponto de partida destas reflexões é pois a perplexidade resultante do ensinamento. Aquêle ponto ná estrutura de pulsação que sou, a partir do qual quero passar do ensinamento para o engajamento. A perplexidade pode ser articulada também da seguinte maneira: sei que quero agir, mas sei também que devo. O conflito é entre o querer e o dever, mas entre um querer e um dever que coincidem. Será essa coincidência a "liberdade"? Qual o significado de "liberdade" neste contexto, (e sinto que é o contexto decisivo)? Será "liberdade" sinônimo de "perplexidade", (no significado de "complexidade perfeita, isto é ultrapassada")? E essa ultraplexidade será explicitada pela atividade que quero e devo? Será a perplexidade, com efeito, já a primeira fase da explicitação que é a atividade? Mas como falar em conflito, se os dois fatos, (o "querer" e o "dever"), coincidem? Seria desonesto não falar em conflito, porque não posso querer aquilo que devo, nem posso dever aquilo que quero. Porque querer o dever não é querer, mas é "amar o destino", (e isto é outra coisa inteiramente). E dever o querer não é dever, mas é "impulso irresistível", (e isto é outra coisa inteiramente). E, no entanto, se ajo, é que amo o meu destino, e é que sigo um impulso irresistível. Santo Nietzsche: Novamente: será dialética isto? O diabo que carregue esta pergunta insistente. Repito: o ponto de partida destas reflexões é a perplexidade. Aquela perplexi-

VILÉM FLUSSER

dade que encerra o movimento do ensimesmamento. Encerra, e não porque não é possível continuar o movimento. É perfeitamente possível. Não descobri um limite do ensimesmamento. Provavelmente porque o "simesmo" não tem fundo. A viagem para dentro do "simesmo" não é uma excursão em busca das mães, mas uma regressão ao infinito. A perplexidade encerra o movimento, porque com a perplexidade o movimento entra em crise. O movimento, se continuado, mudaria de caráter. Passaria a ser "alienação", inclusive no significado patológico desse termo. Sei disto, embora não saba dizer o que pretendo por "doença". Talvez seja algo que não "quero" nem "devo". A perplexidade é o ponto crítico, no qual "ensimesmamento", se continuado, passaria a ser "loucura". Alcançar a perplexidade no ensimesmamento é pois uma espécie de "brinkmanship" uma provocação deliberada de um abismo. ("Dort unten aber ist's fuerchterlich, und der Mensch versuche die Goetter nicht, und verlange nimmer und nimmer zu schauen, was sie gnaedig bedecken mit Nacht und Grauen" Schiller). A perplexidade, por ser ela mesma, já tem algo do abismal, já faz com que eu paire. Quero, (e devo), agir para deixar de pairar, para firmar-me. Com efeito: a minha atividade, o meu firmar, mais que afirmação é negação do abismo. Mas, alto! A perplexidade como ponto crítico no movimento do ensimesmamento. Na perplexidade entro em crise. Crise: critério, crítica, momento de decisão, instante de escolha. Quais as alternativas? Loucura e engajamento? Continuar para dentro, ou reverter-me? Mas não seria a loucura também um engajamento, (a saber um engajamento no "simesmo")? E não seria o engajamento também uma loucura, (a saber uma alienação do "simesmo")? Essa pergunta não é um jogo intelectual, (um jogo de palavras), ou não o é apenas. É, pelo contrário, a pergunta existencialmente decisiva. A resposta a ela decidirá a estrutura daquilo que chamo "minha vida". Pois não quero ser desonesto. Já me decidi antes de ter começado a escrever estas linhas. As próprias linhas atestam que me decidi em prol do engajamento, da atividade excêntrica, do empenho no mundo. E a decisão está implícita em tudo que ficou escrito. Por que tomei essa decisão decisiva? Porque quero e devo. Mas terá sido, efetivamente, uma decisão "decisiva"? Não saberei, acaso, constantemente, ser o meu empenho uma loucura? E não estará, presente e constante, comigo a segunda alternativa, como meu pano de fundo? Eis o verdadeiro caráter da perplexidade: mesmo depois de ultrapassada, injetará um sabor abismal em tudo que se segue a ela. E eis a diferença entre atividade e agitação, (esta última um movimento não precedido da perplexidade) e presença constante, na atividade, da segunda alternativa; e a sua ausência na agitação, que é, por isto mesmo, isenta de liberdade. Pois decidi: agirei, (embora não saiba por que, e muito menos como, e embora saiba ser minha decisão uma loucura). A pergunta "por que?" ficou para trás, na perplexidade ultrapassada pela decisão tomada. O saber da loucura do meu agir ficou relegado para o horizonte pela decisão tomada. A pergunta que se põe agora é "como?". Como agir, este é o assunto deste ensaio. Mais precisamente: o assunto deste ensaio é o instante imediatamente seguinte à decisão tomada. A post-perplexidade e o pré-engajamento. Em suma: a disponibilidade.

VILÉM FLUSSER

A disponibilidade como instante post crítico, portanto como ponto localizado já no campo da ação, embora nenhuma ação tivesse ainda ocorrido. A disponibilidade como ponto original do campo da ação, com efeito. O assunto deste ensaio é o instante, no qual passo do campo da contemplação para o campo da ação, e portanto já não vivo contemplativamente. Mas ainda não me acostumei ao novo clima. Ainda sou estrangeiro, imigrante na terra da atividade. Pois este é o assunto: a imigração para o engajamento.

Quero agir para dar sentido e para dar valor: o sentido e o valor caracterizam o campo da atividade. Devo, (se quero agir, e se quero fazê-lo concientemente), procurar dar-me conta do significado desses característicos do campo no qual passarei a viver doravante. Numa primeira tomada de consciência direi o seguinte: "Dar sentido" significa conhecer, "dar valor" significa trabalhar, e "atividade" significa conhecimento seguido de trabalho. Se me decidí em prol da atividade, fiz uma decisão em prol da aquisição de conhecimentos e realização de trabalhos. Com efeito: adquirir conhecimentos é alterar-me, e realizar trabalhos é alterar o mundo. Neste sentido é a atividade uma alteração, isto é uma virada para o outro. A minha decisão para a atividade é uma decisão para o outro. Uma decisão comunicante. É da solidão para a comunhão que passei a ter-me decidido. Este será o clima no qual passarei a viver doravante: para o outro.

Mas como? Será conhecimento e trabalho sempre comunicante? Não haverá conhecimento de "simesmo", e não haverá trabalho sobre "simesmo"? Se me tivesse decidido, no instante crítico da perplexidade, em prol de uma continuação no engajamento, não teria, acaso, alcançado conhecimento e realizado trabalho? Como posso pois afirmar que conhecimento e trabalho caracterizam o campo do engajamento, e o distinguem, (por serem característicos), do campo do engajamento? Uma segunda consideração, no entanto, desfaz a dúvida que ameaça instalar-se. Não há conhecimento, e não há trabalho, no campo do engajamento; pelo menos não os há no significado estrito e específico dos termos. Falar em "conhecimento de si mesmo" e em "trabalho sobre si mesmo" é falar metafóricamente. Para demonstrar esta afirmativa, é preciso discutir os termos "conhecimento" e "trabalho" um pouco mais detidamente.

(a) Conhecimento: Agarramo-nos ao contexto no qual surgiu o termo "conhecimento" no presente argumento. Surgiu como sinónimo de "dar sentido". Este sinónimo não foi estabelecido sob a influência de um impulso. É resultado de reflexões demoradas. Já que dedicarei a elas uma parte deste ensaio, procurarei apenas esboçá-las. Que faço quando conheço? Cupto algo. Isto é: faço ~~algo~~ que esse algo não me fuja. Para que não fuja, é necessário que o algo fique aqui comigo. Que continue presente. Captar é apresentar, e guardar presente. Captar é transformar ausente em presente. Captar, (conhecer), é uma operação ontológica, e tem a ver com tempo. Ao transformar ausência em presença, opera o conhecimento uma alteração no ser do captado. A alteração consiste em estar o captado comigo. "Estar comigo" é uma forma de ser diferente da forma primitiva. Mas como pode algo estar comigo?

VILÉM FLUSSER

A resposta a esta pergunta já está contida na sua formulação: como apresentação, como apresamento. No conhecimento capto algo, prendo algo, e a própria prisão na qual prendo a preza apresenta para mim este algo. O algo prendido é apreendido como a própria prisão que o prende. A prisão é a repreza na qual o algo é represado para continuar presente. Assim aprendo: faço represas que prendem, represam, representam o algo captado. Para mim, o algo estará doravante captado pela repreza representativa, estará "comigo". Não importa, para o conhecimento, que o algo preso por mim e para mim continue, em certa maneira, ausente. (Na maneira do "em si", porque obviamente na sua forma primitiva de ser o algo não pode estar presente.) Não importa que modifiquei o ser do algo captado ao tê-lo represado. O que importa é que, para mim, ele está presente, "comigo", na sua nova forma. Essa nova forma é justamente a prisão, a repreza. Essa repreza é aquilo que apresenta e representa o algo captado para mim, e chamarei "símbolo" essa repreza, essa forma de ser comigo. Aprendo captando algo em símbolos, aprendo simbolizando. Este é o primeiro movimento do conhecimento.

O símbolo contém o algo captado: o algo captado é o seu significado. É como significado que o símbolo contém, isto é apresenta e representa, algo. Esta é a função do símbolo: apresentar e representar algo ausente aqui comigo. Por isto é o símbolo uma forma de ser: a forma de ser do estar presente. E por isto é o conhecimento uma atividade: simboliza, torna presente. Ao tornar presente, ao simbolizar, (pelo conhecimento), capto significado. Esse meu captar é uma atividade, não uma passividade. Não intuo, não sorvo, não percebo o significado de algo. Intuo, sorvo, percebo algo, e o algo me é dado. Mas dou significado a esse algo, ao captá-lo. Transformo, pela simbolização, algo em significado. Conhecer é uma atividade significante. Dá significado.

Mas este não é o único movimento do conhecimento. O conhecimento não aprende apenas. Os símbolos significantes que estão aqui comigo, (que aprendi), permitem esse jogo tem regras. São repertório de um jogo, chamado "pensamento". É esse jogo tem regras. De acordo com essas regras posso organizar os símbolos em estruturas. Posso dar um nome a essas regras, posso, por exemplo, chamá-las "sintaxe". Posso combinar símbolos, em obediência às regras da sintaxe, posso construir estruturas com eles. Combinar símbolos aprendidos é compreender, prender junto. Este jogo combinatório, a compreensão, é o segundo movimento do conhecimento. Conhecimento é aprender e compreender, portanto simbolizar e combinar símbolos em estruturas. As estruturas compostas de símbolos são conjuntos que contém os significados dos símbolos compostos. Esses significados entram, na estrutura, em combinação regrada. Posso chamar essa combinação regrada de símbolos "sentido". As estruturas compostas de símbolos têm sentido. O sentido das estruturas tem a ver com o significado dos símbolos e com as regras. Ao compreender dou sentido. O sentido não se dá a mim passivamente. Resulta da minha atividade compreensiva, da minha atividade combinatória. Se resolver a chamar o conjuntos dos algos aprendidos por símbolos de "mundo", posso dizer que ao compreender dou sentido ao mundo. O conhecimento é pois uma atividade que dá sentido ao mundo.

VILÉM FLUSSER

Posso, depois deste argumento, ainda falar em "conhecimento de si mesmo"? Não creio. A não ser que use o termo com significado diferente. No ensinamento não capto "algo" que possa ser represado em símbolo para ser apresentado. O "algo" que porventura capto no ensinamento já estava, de alguma maneira, presente. Por isto o resultado do ensinamento não é, a rigor, simbolizável. Não é comunicável. Digo "a rigor", porque existem e abundam as tentativas de uma articulação das vivências do ensinamento. Os depoimentos dos místicos, por exemplo. Mas a leitura das suas sentenças prova que os símbolos, (dos quais essas sentenças consistem), são símbolos trasladados, traduzidos de outros contextos, que são "metafóricos", e que o ensinamento pode articular-se apenas metafóricamente. Se há e se funciona conhecimento no campo do ensinamento, há e funciona apenas no significado metafórico do termo. Conhecimento no sentido estrito caracteriza o campo do engajamento, e é uma atividade comunicante.

(b) Trabalho: Recapitulemos o problema que nos preocupa. Pela minha decisão para a atividade, pela minha disponibilidade, passei a viver para o conhecimento e para o trabalho. Doravante quero, (e devo), alterar-me para alterar o mundo. Trabalhar é alterar o mundo. Pode haver um trabalho sobre si mesmo, uma auto-alteração portanto? Esta pergunta deve ser respondida, se quisermos dar-nos conta da mudança de clima existencial que é a acção para a disponibilidade.

"Dar valôr" foi a expressão que usci para explicar o termo "trabalho". Com efeito, que faço quando trabalho? Opero uma modificação no ser daquilo que e sobre o que trabalho. Faço com que o a ser trabalhado seja como deve ser, e deixe de ser como era. Trabalhar é a atividade que transforma o ser em dever-ser, ou, inversamente, que faz com que aquilo que deve ser seja. Embora ~~xxxxxxxx~~ intuitivamente conheçamos o significado do termo e embora vivenciemos esse significado diariamente, é muito difícil conceituá-lo. A dificuldade é sintomática do terreno híbrido entre o ser e o dever ser no qual o trabalho ocorre. Enfrentemo-la procurando isolar alguns dos conceitos que se agrupam em redor do termo "trabalho".

Que e sobre que trabalho? Qual é o ser do a ser trabalhado? Trabalho o e sobre o presente. O presente é a matéria prima do trabalho. E o ser do presente já foi discutido. É o conhecido. O presente é o virtual atualizado pelo ato do conhecimento. O presente é o ausente acrescido do ato da simbolização: é a realidade. A matéria prima do trabalho é a realidade. Quando trabalho manipulo aquilo que é, manipulo a realidade. A realidade é um conjunto de estruturas de símbolos que captam o ausente, (a "virtualidade"). Quando trabalho manipulo estruturas de símbolos, a saber "o conhecido". E, indiretamente, manipulo o sentido dessas estruturas, a saber "o ausente", (a saber: o mundo). O trabalho é um movimento seguinte ao do conhecimento. Já que o conhecido é a matéria prima do trabalho.

Mas o conhecimento não basta. Além de conhecer algo, além de saber como algo é, devo saber como deve ser esse algo, para poder trabalhá-lo. Devo ter

um modelo. O modelo, (a ideia, o ideal, a imagem, ou qualquer termo que eu escolha para designar aquilo que paira de alguma maneira sobre o conhecido) deve pairar sobre o conhecido para eu poder trabalhá-lo. Que é modelo? Obviamente uma sentença que contém o verbo "deve". Uma sentença do tipo "isto aqui deve ser assim", (por exemplo: "esta madeira deve ser cadeira"). Sentenças deste tipo são chamadas "imperativas". Modelos são imperativos. Para poder trabalhar, devo ter imperativos, motivos imperantes e imperiosos. Não há trabalho sem motivo imperioso.

Recuemos um pouco. Que é conhecimento? Estrutura de símbolos combinados de acordo com regras. "Sentença" portanto. Mas sentença de um tipo determinado. A saber daquele tipo que contém o verbo "é" no predicado. Do tipo "isto aqui é assim", (por exemplo: "esta árvore é de madeira"). Sentenças deste tipo são chamadas "indicativas". Conhecimento é indicação, indicativo. O trabalho é possível apenas se e quando tenho indicação e imperativo, conhecimento e motivo imperioso.

O modelo, (o imperativo), manda como deve ser algo, (a saber: o conhecido). E isto significa que o modelo diz o valôr do conhecido. Se traduzirmos imperativos para indicativos, surge o verbo "vale". (por exemplo: "esta madeira vale uma cadeira".) Tomados como indicativos, os modelos indicam o valôr do conhecido. "Indicam", isto é "dão": modelos dão valôr ao conhecido. (Nota: este ensaio deverá conter uma discussão do verbo "dar" mais pormenorizada). Ao darem valôr ao conhecido, indicam os modelos o método, pelo qual o conhecido deve ser trabalhado. Com efeito: ao darem valôr ao conhecido, apontam os modelos o conhecido como "o a ser trabalhado".

O trabalho é a atividade que injeta o valôr indicado pelos modelos para dentro do conhecido. O conhecido é a realidade. O trabalho é a valoração da realidade e a realiação dos valôres. Os valôres são indicação de modelos e realização de trabalho. Neste sentido é o trabalho uma operação ontológica: valoriza a realidade e realiza valôres. A realidade sem trabalho não têm valôr, (como o mundo sem conhecimento não têm sentido). O trabalho valoriza a realidade, (como o conhecimento realiza o mundo). Trabalhar é sinónimo de "dar valôr", (como o conhecimento é sinónimo de "dar sentido").

Mas alto! Foi observado, de passagem, que imperativos podem ser traduzidos para indicativos. É óbvio que este problema será discutido no curso deste ensaio, já que está perto do núcleo da problemática que motiva as reflexões aqui expostas. Mas no presente contexto é necessário notar que não apenas imperativos podem ser traduzidos para indicativos, mas que é igualmente possível a tradução em sentido contrário, do indicativo para o imperativo. (Embora ambas as traduções estejam carregadas de uma extrema problematidade). Em outras palavras: se imperativos, (modelos), podem ser considerados indicativos, (conhecimentos), igualmente indicativos, (conhecimentos) podem ser considerados imperativos, (modelos). Este fato borra a distinção entre o ato de conhecimento e o ato de trabalho. O conhecimento é uma espécie de trabalho, e o trabalho é uma espécie de conhecimento. Torna-se necessária uma consideração, (embora leve e apenas esbo-

VILÉM FLUSSER
cada), deste fato.

Modelos, quando considerados indicativos, são indicações de métodos para o trabalho. É neste sentido que dão valor ao a ser trabalhado. Sentenças indicativas, quando consideradas modelos, são mandamentos. É neste sentido que apresentam o ausente, (que lhes é sentido): mandam que se apresente. O conhecimento considerado como atividade modelada, (pelos modelos das estruturas de símbolos, pelas várias "línguas"), é já e desde já um dar valor ao ausente. É o método do conhecimento está já e desde já implícito na "língua" que lhe serve de modelo. Inversamente: O trabalho considerado como atividade realizadora é ainda e sempre um dar sentido. "Sentido" e "valor" são termos intimamente ligados. A diferença entre eles é uma diferença de estilo. "Sentido" é o que dá uma sentença indicativa, "valor" é o que dá uma sentença imperativa. "Sentido" é resultado de uma tradução de "valor", e vice versa. A distinção entre "sentido" e "valor", entre conhecimento e trabalho, entre teoria e praxis, é uma questão de estilo, e o problema da tradução lhe diz intimamente respeito. Que este fato esteja desde já registrado.

Em toda esta discussão não foi considerada a pergunta fundamental: como surgem símbolos e regras? Portanto como surgem sentenças indicativas e imperativas, (e todas demais sentenças)? De onde nos vêm sentidos e valores? Esta pergunta rica relegada para outro contexto. A meta em mira aqui é esta: podemos falar em "trabalho sobre si mesmo" no ensinamento? Creio que podemos fazê-lo apenas metafóricamente. Não havendo conhecimento "sensu stricto" no ensinamento, e sendo conhecimento "sensu stricto" uma condição do trabalho, não pode haver trabalho "sensu stricto" no ensinamento. O ensinamento não dá sentido, e não dá valor, no sentido estrito dos termos. E a decisão para o engajamento é uma decisão autêntica em prol do "dar sentido" e do "dar valores". Ela se caracteriza por isto.

Podemos retomar agora o fio do argumento, abandonado no ponto da discussão da disponibilidade. Ficou provado, (para a minha satisfação, ao menos), que a disponibilidade é necessariamente anti-contemplativa. É uma atitude anti-contemplativa, porque é, fundamentalmente uma abertura para o outro. Uma atitude de comunicante. O conhecimento e o trabalho, (por mais difícil que seja distinguir entre ambos), têm isto em comum que os distingue da contemplação ensinada: alteram. Na disponibilidade emigrei da solidão para a comunhão, (embora a solidão continue como um horizonte tapado pela decisão tomada). Esta minha decisão para a comunhão não distingue apenas a atividade para a qual me disponho da contemplação, contra a qual me decidí, mas também da agitação, da qual fui vítima antes de terme encontrado no ensinamento. É esta segunda distinção a que necessita de algumas reflexões esclarecedoras.

A pergunta é esta: Conhecer, (isto é aprender e compreender), e trabalhar, (isto é manipular o conhecido), não sera uma atividade à qual praticamente todos estão dedicados? Não caracteriza acaso essa atividade a vida de todos? E se assim for, para que decisões tomadas na perplexidade? Para que as expressões um tanto grandiloquentes como "disponibilidade" e "engajamento"? Esta a pergun-

VILÉM FLUSSER

ta que procura justificar o engajamento conciente, ao distingui-lo de outras formas da atividade, (que chamei de "agitação" um tanto pejorativamente). Devemos confessar que a pergunta esconde, implicitamente, o seguinte preconceito: Não há conhecimento e trabalho, (no significado "autentico" destes termos), onde não há uma prévia perplexidade que tenha resultado em decisão conciente. Conhecimento e trabalho, (engagement), quando autenticos, são consequência de escolha. O preconceito é compreensível. Será justificável? A pergunta inquietante. Para poder enfrentá-la, devemos recuar um pouco.

Por que me emimesmei, por que procurei encontrar-me? Óbvio, porque me tinha perdido. A sensação da perda, da perda de mim mesmo, foi a força a qual me propeliu em direção de mim mesmo. Procurei a solidão, porque me sentia perdido no mundo. Mais especificamente, que perdi ao ter-me perdido? O senso de sentido e de valôr: nada daquilo que fazia dava sentido, e não havia valôr em nada que fazia. A minha atividade era, neste sentido, falsa, uma pseudo-atividade, um des-viver, um matar o tempo. Isto torna compreensível o meu preconceito em favor de um engajamento conciente. Porque aquilo que distingue o engajamento conciente da atividade falsa é a busca deliberada de sentido e de valôres. É essa busca de autentica o engajamento. Em outras palavras: o engajamento se dá contra o fundo sem sentido e sem valôr, contra o absurdo.

Mas o recuo não é suficiente. Antes de me ter perdido, devo ter me possuído. Isto é: devo ter possuído um senso de sentido e de valôres. Nesse estágio original, (do qual não consigo me lembrar, e o qual estou laboriosamente reconstruindo), devo ter sabido por que faço o que faço. A perda desse senso original, (que diagnostiquei, mais tarde, como a perda de mim mesmo), é a causa de tôças essas fases da minha vida: da atividade falsa, do ensimesmamento, da perplexidade, da disponibilidade, da decisão em pról do engajamento. Óbvio, mente: que nunca se perdeu, não se engaja. O engajamento é a tentativa de reconstruir a situação original na qual tudo dava sentido e continha valôres. O engajamento é a tentativa de reconquistar a fé perdida. Porque o senso do sentido da vida e do valôr da atividade, (o possuir-se a si mesmo), é a fé no significado mais amplo do termo. A dificuldade de falar na fé é a dificuldade de lembrar-nos dela. Porque não podemos observá-la nos outros. Os outros que me dizem ter fé, podem estar mentindo, (para mim ou para si mesmos). É a sua atividade, quando observada, é indistintível daquela falsa atividade da qual me retirei para a solidão do ensimesmamento. A única possibilidade de falar em "fé", é a tentativa de reconstruí-la artificialmente em mim mesmo num esforço de lembrar-me.

Naquele estágio perdido tudo que aprendia e compreendia dava sentido, e tudo que fazia resultava em valôres realizáveis? Não, não é isto. Pelo contrário: naquele estágio sabia distinguir entre verdade e falsidade, e entre valôres positivos e negativos. Conhecer era distinguir e verdadeiro do falso, e trabalhar era fazer o bem, ou fazer com que o mal desapareça. Sabia a verdade, mas nem sempre a admitia. Sabia o bem, mas nem sempre o praticava. Esta era,

9

9

VILÉM FLUSSER

naquele estágio longínquo, mítico e infantil da minha biografia, o meu problema. Julgava constantemente. Julgava a mim e julgava os outros. Não sabia sempre se tinha razão, mas sabia sempre que "terrazão" é possível e desejável. Em suma: a fé não era uma situação na qual eu não duvidava; era um estágio no qual a dúvida não atingia os meus modelos. O saber da verdade e do bem, (mais exatamente, da possibilidade da verdade e do bem), é sinônimo da ignorância do modelo. E a fé pode ser definida assim: participação de um modelo ignorado. E a perda de si mesmo pode ser definida assim: descoberta do modelo do qual participo. E o ensimesmamento, (a busca da solidão pode ser definido assim: tentativa de análise do meu modelo, e tentativa de comparação, (tradução), com outros. E a perplexidade pode ser definida assim descoberta da equivalência de todos modelos. E a alienação pode ser definida assim: recusa a todos modelos. E a disponibilidade pode ser definida assim: momento de escolha entre modelos equivalentes. E o engajamento pode ser definido assim: participação em um modelo escolhido.

Esta é pois a distinção entre fé e engajamento: a atividade, (o conhecimento e o trabalho), do homem de fé se dá dentro de um modelo original, dentro daquele modelo no qual o homem de fé se encontra. Por isto é uma atividade do homem mesmo, e é autêntica neste sentido. A atividade do engajado se dá dentro de um modelo escolhido pelo engajado. O engajado não se encontra nesse modelo, mas procura empenhar-se nele. E esta é a autenticidade dessa atividade. Em outras palavras: o homem de fé se identifica consigo mesmo no seu modelo, o engajado procura identificar-se com o modelo escolhido. E esta é a justificação do conhecimento e do trabalho do engajado: superaram a perplexidade de ao forçarem uma fé substitutiva.

O momento imediatamente anterior ao engajamento é a disponibilidade. É nesse momento que me disponho a escolher entre modelos equivalentes. É nesse momento que estou disponível para todos modelos equivalentes. É um momento de abertura. Estou aberto para todos os modelos, e permito que me alterem. Todos os modelos estão abertos para mim, e permitem que os altere. Mas aonde estou, quando estou em disponibilidade? Estarei fora de todos os modelos? Não, porque se estivesse fora de todos modelos, estaria inteiramente fora de mim, seria louco, (alienado). Não estou inteiramente por fora, porque posso escolher entre modelos. Posso compará-los. Estou num lugar que permite comparação entre modelos. Estou num lugar no qual modelos coincidem de certa maneira. Com efeito, eu sou agora o lugar no qual modelos coincidem. Ao ter me encontrado, encontrei-me como coincidência de modelos. Estou num, e sou um meta modelo. Estou na, e sou, traduzibilidade. Disponibilidade é sinônimo de traduzibilidade. A minha decisão em prol do engajamento é uma decisão em prol de tradução de todos modelos para um único, a ser escolhido. A minha decisão para a continuação do ensimesmamento teria sido uma decisão em prol da regressão ao infinito de meta modelos com índices crescentes. Recusei a regressão e decidi-me pela tradução: permanecerei na traduzibilidade. A traduzibilidade como lugar original do engajamento é o assunto deste ensaio.